

ANÁLISE CONTEXTUAL DA OBRA *CARDUME*, 2022.

PATRÍCIA ANDRÉ DOS SANTOS¹;
CLÓVIS MARTINS DE ALMEIDA COSTA²;

¹*Universidade Federal de Pelotas 1 – patimaiot7@gmail.com* 1

²*Universidade Federal de Pelotas – clovismartinscosta@gmail.com* 2

1. INTRODUÇÃO

O presente texto busca fazer uma análise contextual da obra *Cardume*, procurando refletir sobre paisagem e estética contemporânea de obras autorais relacionadas com referências que proporcionam um olhar reflexivo sobre questões inerentes à paisagem. O trabalho escolhido para análise foi exposto na Biblioteca Pública Pelotense em Setembro de 2022. A exposição, intitulada *Evocações Imersas*, fez parte da programação da Primavera dos Museus na cidade de Pelotas-RS. O Museu da Biblioteca fica na parte do subsolo, conhecido como porão, espaço que pode remeter a uma noção de submersão, emergindo questões relacionadas com as narrativas náuticas. A exposição (figura 1) faz uma provocação imersiva no porão da biblioteca, evocando referências muito fortes de noites e naufrágios marítimos, derivas e afogamentos.

A obra *Cardume* é feita de uma série de garrafas de vidro, cercada por uma corrente de bóias simulando um barco. Muitas questões começam a emergir quando penso na materialidade, especificamente das garrafas de água, vinho e de cerveja que foram consumidas ou coletadas na rua. Por serem garrafas de vidro, um material resistente porém frágil, uma espécie de continentes, bem vedados protegem o que está no seu interior, que pode ser uma mensagem, uma proposição ou apenas água do mar. Uma paisagem dentro da própria paisagem sempre em movimento, se alterando a todo momento.

2. METODOLOGIA

O que é capaz de ser carregado nessas garrafas, quantas paisagens podem ser transportadas e qual a distância será que elas percorrem, quando começa a encher os lugares urbanos socorrendo a linha das margens? Esta ação evoca o processo criativo de um Naufrágio Urbano que veremos mais adiante no texto. Uma garrafa de vidro poderia se transformar em veículo para uma mensagem poética de um naufrágio perdido, fora da água, na terra, situado ou se deslocando erroneamente no espaço urbano? Além é claro, de histórias de romances, ou pedidos de socorro usando a garrafa como um tipo de endereçamento desordenado. O pensamento ganha corpo e proporções maiores de instalações, que tomam o espaço criando bifurcações entre peso e leveza, movimento e inércia, palavras que dizem respeito aos objetos justafluviais que perfazem uma instalação por meio da disposição de uma série de garrafas de vidro com

mensagens dentro, sobre uma carcaça de embarcação. A carcaça se une a um cabo, percorrendo o espaço, e termina numa âncora deixada no chão.

No dia 1 de setembro de 2022, o Espaço de Arte Mello da Costa Museu Histórico da Biblioteca Pública Pelotense abriu seu porão para a exposição que trouxe desagues, naufrágios, e cardumes ligados a minha experiência e memória dessas regiões litorâneas e portuárias. Pelotas, com seus restos de barcos e portos, representa muito as travessias, símbolos, histórias e memória da cidade, assim como os portos que tiveram grandes fluxos industriais, mercadorias, imigrantes e escravizados. Quantas foram as embarcações, pelotas, canoas, botes, barcas, lanchas e navios? quantos não foram viajantes, os naufragos, cativos, livres ou imigrados ali aportados? Os portos, os porões de pelotas tem muita história para contar, ecos dos mares, uma constelação de narrativas náuticas ancoradas no subsolo abafado e escuro como mostra na imagem (figura 1) abaixo.



Figura 1: Cardume, 2022. Exposição Evocações Imersas.2022 Museu da Biblioteca Pública Pelotense.

Uma garrafa de vidro poderia se transformar em veículo para uma mensagem poética de um naufrago perdido, fora da água, na terra. Me interessa trabalhar com garrafas por esse ciclo intermitente(infinito) que elas possuem. As garrafas do *Correio Náufrago* (figura 2) funcionam como um correio à deriva, que começou a ser realizado na região do Porto de Pelotas desde 2017, mas que começa a inundar o espaço urbano.

Essas garrafas começam a carregar sistemas inteiros dentro delas podendo também ter sido descartada por um bêbado que ali falou e bebericou de narrativas de seu cotidiano. As garrafas mantêm suas embalagens para evocar esses momentos efêmeros da vida, que enquanto se bebe, ficam embriagados, à deriva do devir dos pensamentos naufragos. Nas primeiras navegações via marítima, eram usadas mensagens dentro de garrafas, e jogadas no mar pelos marinheiros para entender qual era o fluxo que os mares faziam nos oceanos , além é claro, de histórias de romances, ou pedidos de socorro usando a garrafa como um tipo de endereçamento desordenado. Essas mensagens na maioria das

vezes são encontradas nas margens por estas serem um limite, uma fronteira entre o mar e a terra, nos mostrando por onde as águas transitam.

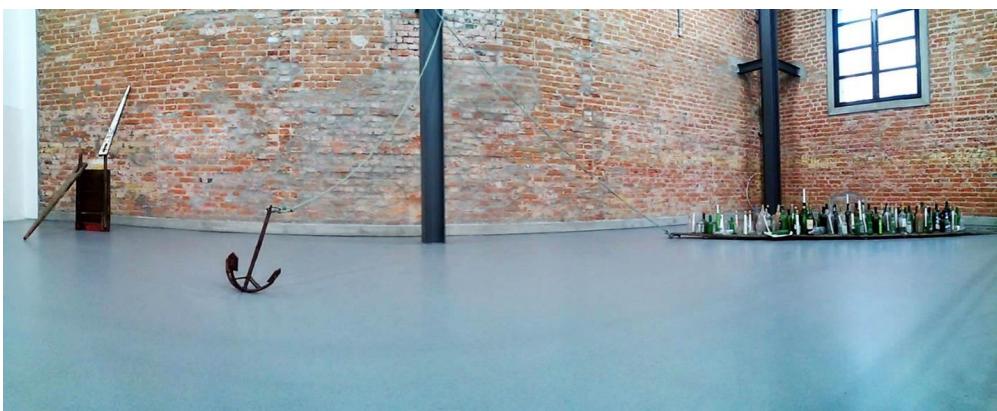


Figura 3: *Para Lembrar* 2018. Instalação Espaço expositivo do CEHUS.

Mais tarde o conceito *Naufrágio Urbano* inundou a biblioteca do CEHUS, no Hall de entrada do prédio que fica a biblioteca de Ciências Humanas , para uma proposta propositiva, *Para Lembrar* (Figura 3) mesmo tendo sua visualidade determinadora no espaço. A instalação contém pedaços de madeira de embarcação e garrafas com mensagens propositivas de entrar na biblioteca e abrir o livro sugerido na mensagem dentro das garrafas.

Kchô artista visual cubano contemporâneo me provoca com questões que "reforçam uma ideia ou metáfora de destino, direção e paisagem". Usando garrafas vazias, barcos, bóias e materiais precários em uma obsessão insular de ir e vir" (AMARANTE, Leonor 2002). Kcho viveu em uma ilha, usando canoas para se locomover, remetendo a essas inúmeras travessias e passagens, em suas obras. Como no meu trabalho, Kcho reutiliza muitas garrafas de vidro, bóias e partes de barcos velhos. Seu trabalho é importante referência por abordar a temática litorânea, o deslocamento de materiais usados e a ideia de se deslocar num barco. artista faz uma composição com base em seus projetos desenhados, usando uma quantidade aproximada de 1000 garrafas, colocados em pé, ao redor de um trapiche de madeira desgastado com pneus pendurados que remetem a uma tragédia natural, que devastou uma ilha perto de sua cidade natal em Cuba. Kcho coloca as garrafas dentro de uma galeria com grande repetição excessiva do objeto. Essa repetição, não seria então um eco dos mares, de um pedido de socorro?

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Essas garrafas e madeiras de cores intensas, objetos são deslocados da sua lógica habitual propiciando um recorte de tempo e espaço, que se aproxima muito de um pensamento que permeia os trabalhos do artista Kchô, entre outros artistas que trabalham com apropriação. A singularidade do trabalho está nas relações que se estabelecem entre o contexto e a experiência de viver paisagem náutica. Estando na cidade de Pelotas nessa quase ilha banhada por águas, às vezes doce outras vezes salgada, para emergir na exposição *Evocações imersas*.

Percebo que estes trabalhos de instalação evocam o conceito de paisagem, como as travessias de barco. Pretendo me referir aqui sobre a ideia de paisagens não só como uma espécie de *atravessamento*, esse lugar que não permanece o mesmo, esse lugar sempre temporário dentro do processo, mas também como esse território de potência inconstante como um rio, e infinito como o mar. Conecta, portanto, todos os conceitos que uso na pesquisa de mestrado.

4. CONCLUSÕES

Por fim, os trabalhos possuem essa relação entre o contexto, experiência e um desejo de mar. Também me sinto submersa em uma infinidade marítima, como se as ondulações dos pensamentos trouxessem muitas coisas à beira de mim mesma. Essas obras são esse lugar imenso semelhante ao mar, as camadas de minha memória que evocam uma paisagem imersiva. Falar de paisagem me remete a esses pintores que já refletiam sobre essas mudanças de percepções eram muito relacionadas a representação da natureza como Paul Cézanne, por exemplo. Anne Cauquelin afirma que a paisagem “se trata de uma trama de elementos heteróclitos que governa a sensibilidade de uma época a esse ou aquele aspecto da natureza” (CAUQUELIN,2007 p.93) Passagens, também é travessias e mergulho. Portanto, percebo que minha investigação artística mostra uma miríade de atravessamentos de vida, e do cotidiano. O mar é uma imensidão. Engole fronteiras, mistura as bordas dos mundos em um só horizonte, Cardumes e algas em uma grande sopa salgada.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARANTE, Leonor. **Kcho**. Mube. São Paulo: Photon, 2002, catálogo.

CAMPOS, Haroldo de. **Galáxias**. São Paulo: 2004.

CAUQUELIN, Anne. **A Invenção da Paisagem**. São Paulo: Martins, 2007.